

O Assassinato do Caixeiro Viajante Ernesto Canozzi
(*A Construção de uma Crença Religiosa na Terra dos Ramos*)

Sara Nunes

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Não sozinha conduzo meus passos em uma longa estrada onde homens, mulheres e crianças caminham, alguns com pés descalços, outros com um rosário à mão, o destino destes romeiros é o lugar onde os “irmãos Canozzi” foram assassinados, o que os motiva é a fé, a crença em milagres, a incapacidade da razão mundana de resolver as dores da vida e da morte, o que me move é a curiosidade, a paixão e principalmente o tormento das vozes do passado que me perseguem, gritam, suplicam por um enterro menos nebuloso, onde a materialidade de suas palavras não esteja sufocada e perdida nos significados de outros homens. O meu desespero é saber que essas vozes nunca terão suas palavras materializadas por si mesmas, mas somente por outros sons e discursos, sendo assim então, cabe a mão que agora escreve, desenterrar a Lages de 1902, os seus personagens : coronéis, fazendeiros, médicos, advogados, jornalistas, damas, prostitutas e os demais anônimos, porém não menos importantes. Quero especialmente abrir a sepultura de um certo caixeiro viajante chamado Ernesto Canozzi e de seu ajudante Olintho Pinto Centeno, desejo também incomodar a morada sepulcral dos irmãos Domingos Brocato e Thomaz Brocato. A cólera da mão que escreve e tenta desencovar a Lages de 1902 é saber que seu ato não passa de uma escrita, a qual anseia traduzir o outro (as covas em questão), este outro é o corpo no qual a escrita se sustenta , este corpo é um cadáver mudo exposto ao olhar, enquanto a escrita é uma leitura, uma interpretação do outro, por mais mudo que este corpo pareça há ecos latentes dos mortos freqüentando o presente, se não fossem esses berros de um além não tão distante, não haveria a romaria, a crença e os “irmãos Canozzi”. A mão que escreve quer acalmar os mortos oferecendo-lhes túmulos escriturários, não eternos, é claro.

Walter Benjamin em uma de suas análises refere-se à história como um anjo olhando as ruínas do passado , porém este anjo é sempre arremessado para longe, por um vento, o vento do progresso. No caso em questão o anjo lança seu olhar para Maio de 1902, ano em que um crime hediondo ocorrido na bucólica Lages, cidade do planalto serrano de Santa Catarina, abalou as opiniões catarinenses. Trata-se do assassinato do caixeiro viajante Ernesto Canozzi e seu peão Olintho Pinto Centeno. Este acontecimento envolveu senhores que gozavam de grande prestígio na elite serrana e estadual.

Voando nas asas do anjo chego à Lages, outono de 1902. Tratava-se de uma bucólica e pacata cidade , povoado fundado por portugueses paulistas, os quais eram bandeirantes

desbravadores e condutores de tropas . No início do século XX, Lages era uma zona essencialmente rural , caracterizada principalmente por uma economia baseada na pecuária e agricultura. Seu espaço urbano era pequeno e mal cuidado, as ruas eram poucas e mal desenhadas, em muitas casas havia uma argola de metal presa à parede, próxima aos degraus de entrada para amarrar as rédeas da montaria dos visitantes, a iluminação era feita por alguns lampiões, os habitantes da cidade em noites escuras carregavam consigo uma lanterna de vidro, na qual ardia uma vela de sebo. Todos se conheciam, nos meses de inverno os fazendeiros vinham com suas famílias para casa da cidade, era comum se agruparem para conversar.

Apesar de rústica, Lages já era em 1902 palco de importantes atores da política estadual , não era apenas uma vila provinciana e pacata, mas constituí-se em um ponto de passagem de gado a serem comercializados em outros pólos econômicos , o que facilitava a circulação de informações dos grandes centros .O contato com os valores de outros lugares, principalmente com as grandes cidades, acontecia especialmente através da passagem dos caixeiros viajantes pela cidade, os quais buscavam produtos para serem vendidos em cidades como Porto Alegre, São Paulo, Laguna, Florianópolis. Muito mais do que isso ainda, uma das principais características dos campos de Lages era a organização latifundiária , os grandes fazendeiros por mais rudes que fossem, se constituíam na elite local, a maioria de seus filhos eram preparados para serem letrados. O professor Élio Cantalício Serpa, em um artigo sobre a reformulação das condutas e das sociabilidades durante a Primeira República em Lages¹, explora com minúcia o código de posturas civilizadoras que começa a ser praticado pelas elites lageanas nesse período.

Ernesto Canozzi e Olintho Pinto Centeno foram brutalmente assassinados próximos a Lages, no caminho de retorno a Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde estava localizada a Companhia Santos & Almeida, da qual Canozzi era empregado, Olintho Centeno era um alugador de animais que Ernesto Canozzi contratava para ajuda-lo. Foram acusados deste crime violento, os irmãos italianos Thomaz Brocato e Domingos Brocato, jovens imigrantes que desfrutavam de uma posição de grande respeito na fechada sociedade lageana, o que de certa forma não era comum no cotidiano das oligarquias serranas. Tanto Thomaz Brocato como Domingos Brocato mantinham com Ernesto Canozzi uma amizade bastante cordial. Enfim , não é este o único ponto que provoca estranhamento aos olhos do anjo da história. Há várias atitudes documentadas sobre os homens envolvidos nesta ruína do passado que instigam perguntas dotadas de uma força destrutora e imparcial, força esta que desmonta os tais documentos analisando suas várias roupagens e seus poderes.

¹ SERPA, Élio Cantalício. *A reformulação das condutas e das sociabilidades durante a Primeira República*. **Revista da Memória** _ Revista organizada pela Fundação Cultural de Lages, dezembro de 1996, p. 13-29.

Nesta escrita em especial o Anjo da História olha profundamente para uma ruína, uma ruína monumental e viva, muito intrínseca no presente, real arquitetura resultante da experiência religiosa humana. Estamos falando dos “Irmãos Canozzi”, Ernesto Canozzi e seu ajudante Olintho Pinto Centeno se tornaram irmãos na representação popular. Mais de cem anos se passaram e o túmulo destes homens é um dos mais visitados no cemitério Cruz das Almas, em Lages. Muitas pessoas depositam lá suas crenças, suas velas, suas esperanças. Percebemos na romaria ao túmulo de Ernesto Canozzi e Olintho Pinto Centeno, uma manifestação religiosa popular, sendo assim, queremos lançar os questionamentos da história no processo de construção desta crença. A proposta central desta pesquisa, além de elucidar algumas estranhezas relativas ao crime, é compreender a construção de uma tradição religiosa popular, a qual é caracterizada pela crença que os populares têm na realização dos milagres dos “irmãos Canozzi”.

Lá pelos meados de 1995, foi realizada em Lages uma amostra sul americana de cultura, ocorrida paralelamente à Festa Nacional do Pinhão. Na programação dos eventos desta amostra, houve o lançamento de um projeto cinematográfico chamado “Fratelli Brocato”. O responsável por este projeto foi o jornalista Fábio Brüegmann. Compareceu a este acontecimento uma menina muito curiosa, a pessoa que neste momento escreve essas linhas. Na época, uma aspirante a atriz de teatro que achava possível conseguir um papel de figurante nesta história. Pois bem, o roteiro em questão abordava a história dos irmãos italianos Thomaz e Domingos Brocato, os assassinos do caixeiro viajante Ernesto Canozzi e seu ajudante Olintho Pinto Centeno. Até então os “irmãos Brocato” eram completamente desconhecidos por mim. Já Ernesto Canozzi e seu peão Olintho Centeno eram por mim lembrados como os “Irmãos Canozzi”, os irmãos milagreiros que tinham seu túmulo ornamentado de símbolos de agradecimento. O projeto deste filme não foi concluído, contudo, vários questionamentos instigaram a minha inquietação já naquela época, como por exemplo, a ausência de memória popular sobre os “irmãos Brocato” e a apropriação que construiu a representação ‘Irmãos Canozzi’. O tempo passou, mas minha inquietude não. Feitos humanos sempre me fascinaram. Na incessante busca de entender criações e criaturas, a humanidade, o tempo e o espaço, encontrei a história, Clio possibilita olhar ruínas, reconhecer pegadas e nunca tornar as respostas concretas. Sendo assim embarquei nas asas do anjo da história para desorganizar algumas coisas e conhecer o que está além da imagem dos fatos históricos, analisando a experiência humana na criação de hábitos, costumes, práticas e tradições. Como Canozzi e seus arredores já me causam incômodo faz tempo, resolvi dar vez e voz a esta ânsia, a este desejo de compreender que práticas populares construíram os irmãos milagreiros.

A relevância historiográfica desta pesquisa é bastante ampla, pois a região serrana de Santa Catarina apresenta prática religiosas bem peculiares e pouco investigadas. Há os trabalhos de mestrado e doutorado do professor Hélio Cantalício Serpa, onde ele faz uma análise sobre o

catolicismo popular que mesclava práticas indígenas e africanas, enfatizando na tese de doutorado a construção da igreja na Primeira República, a reformulação das condutas e o combate às práticas religiosas populares. Este estudo é um leque aberto a novos aprofundamentos, pois muitas manifestações religiosas populares que foram reprimidas não deixaram de existir, apenas se transformaram com o acontecer de certos lugares sociais.

O que pode ser inovador com esta investigação histórica, cuja delimitação espacial é Lages e a delimitação temporal é a construção da crença nos milagres dos irmãos Canozzi durante o século XX, é perceber as apropriações que os populares fizeram dos fatos de 1902, construindo assim suas representações e práticas. O trabalho do professor Élio Cantalício Serpa é mais centrado no ângulo que valoriza as remodelações da elite e da igreja, as quais reprimem as manifestações do catolicismo popular. Temos que observar que na Região Serrana o povo em geral, tinha suas próprias formas de se relacionar com o sagrado, vivenciavam suas práticas devocionais típicas do catolicismo popular em que: o leigo tinha participação ativa nos assuntos religiosos, as capelas eram cuidadas por capelães que não estavam subordinados a hierarquia eclesiástica, o culto aos santos tinha um papel central, as benzeduras eram práticas corriqueiras, a crença em pessoas com poderes sobrenaturais fazia parte do cotidiano de homens e mulheres. A religião popular que se pode propor como objeto de estudo não é uma realidade imóvel e residual, cujo o núcleo seria uma outra religião vinda do paganismo e conservada pelo mundo rural: pelo menos não exclusivamente, ela inclui também todas as formas de assimilação e contaminação e, sobretudo, a leitura popular das práticas da igreja católica no processo de reformulação, como também as formas de criatividade especificamente populares. Deste modo podemos considerar a crença nos milagres dos irmãos Canozzi como um exemplo de prática popular que resiste as remodelações da igreja.

Esta pesquisa nos remete a analisar o processo de construção de uma prática religiosa, ou melhor, a construção de uma tradição religiosa. Desta forma não podemos nos desvincular do seguinte conceito: “a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado.²” As tradições nunca estão desvinculadas do contexto em que se formam. São práticas de natureza ritual ou simbólica, geralmente relacionadas a um passado. No caso em questão, a crença nos “irmãos Canozzi”, temos um passado histórico intrigante, pois trata-se de um assassinato que causou grande impacto e envolveu nomes respeitáveis da alta sociedade serrana, principalmente no que se refere a rápida resolução do caso, na qual percebemos várias lacunas causadoras de perguntas e dúvidas. Sendo assim, “o estudo da tradição esclarece bastante as relações humanas com o passado e, por conseguinte, o próprio

² HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Pág 12

assunto e ofício do historiador. Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da ação grupal” .³

Para melhor entender o contexto histórico em que se produziu esta tradição faremos uso de vários documentos, principalmente jornais da época, dentre os quais encontramos os que tinham como editores os advogados de acusação do caso Canozzi. O documento nunca é inócuo, porém neste caso a proporção da não imparcialidade é intensa e a falta de inocência também. Como muito bem coloca Jacques Le Goff em *História e Memória*, “ O documento é antes de mais nada uma montagem, consciente ou inconsciente da história, da época, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver ; talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.”⁴

O crime de 1902 foi extremamente explorado pela imprensa. Os letrados da época acompanhavam e produziam todas as novidades do caso através do jornal. Contudo as informações jornalísticas ganhavam uma dimensão muito mais ampla do que a das palavras escritas; eram discutidas nas rodas populares, transmitidas oralmente. “ Os boatos, numa sociedade em que não se tem o domínio da escrita e cujos valores culturais são reproduzidos e perpetuados pela tradição oral, tornam-se um instrumento valioso para a propagação das idéias, buscando a construção das vontades coletivas, congregando sujeitos com objetivos comuns”.⁵ A construção da crença nos milagres de Ernesto Canozzi tem uma profunda relação com o modo como as informações circulavam, as apropriações que as classes não letradas fizeram das informações escritas pela classe letrada - o contrário também - isto é, as apropriações feitas pela cultura letrada das produções da cultura oral. A abordagem teórica do historiador italiano Carlo Ginzburg é necessariamente oportuna, especialmente quando a pesquisa em questão aborda a circularidade cultural, isto é, as apropriações recíprocas entre cultura subalterna e cultura hegemônica. A cultura popular, segundo Ginzburg, se define antes de tudo pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes, o que confirma a preocupação do autor em recuperar o conflito de classes numa dimensão sociocultural globalizante. Mas a cultura popular se define também, de um lado, pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida. É a propósito desta dinâmica entre os níveis culturais popular e erudito_ já que também a cultura letrada filtra à sua moda os elementos da cultura popular _ , que Carlo Ginzburg propõe o conceito de **circularidade cultural**.

O trabalho apresenta a seguinte estrutura organizacional: Em um primeiro momento se argumentará sobre os acontecimentos ocorridos em 1902, abordando o contexto político e cultural lageano no início do século XX. Nos tempos da Primeira República, Lages era formada por uma

³ HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Pág 21

⁴ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: editora da Unicamp, 1996. Pág 548

elite coronelista e de grande influência nas decisões políticas estaduais. A tal elite era formada por fazendeiros, muitos dos quais eram coronéis. O coronelismo nesta região surgiu com força no andar do século XIX, através da formação da Guarda Nacional, a qual foi organizada em todo o Brasil a partir de 1831 e tinha como objetivo a implementação de uma força militar cidadã, formada apenas por proprietários. Em 1883, a Guarda Nacional em Santa Catarina possuía um comandante-geral (coronel) e quatro comandos regionais (chefiados por tenentes-coronéis). Os municípios de Lages e Curitiba formavam o quarto comando. Os fazendeiros locais ocupavam os cargos de oficiais e ao mesmo tempo disputavam cadeiras nas câmaras municipais, nos juizados de paz e na Assembléia Legislativa provincial. Lages possuía o maior contingente e o maior número de oficiais: Vidal Ramos (sênior), Vidal Ramos Júnior e vários outros. Ser oficial da guarda nacional significava ter status político e prestígio social, enfim a guarda nacional legitimou o poder dos mais abonados no local. Continuando o mapeamento da elite, além dos fazendeiros, havia funcionários públicos, profissionais liberais, pequenos comerciantes. Dentre as famílias há algumas de grande destaque, as quais desfrutam de grande influência social e política, não somente na região serrana, mas também em todo o estado, como é o caso da Família Ramos, a qual tem nomes de destaque como: o coronel Belizário José de Oliveira Ramos, Vidal José de Oliveira Ramos, Aristiliano Laureano Ramos. Há vários outros “Ramos”, mencionei apenas alguns dos que tiveram grande relevância política e social em Santa Catarina. O que quero enfatizar não é a vida política dos Ramos, mas sim como eram as práticas culturais e sociais nesta terra comandada por fazendeiros coronéis, formada por gente em sua maioria rude e simples. Essa elite passa a investir na educação de seus filhos, os quais eram enviados para estudar em cidades como Porto Alegre, Rio de Janeiro, Florianópolis. Era um marco de distinção social ter seus filhos bem escolarizados.

Na pacata Lages do planalto serrano, um crime abalou as opiniões estaduais, envolvendo três jovens italianos que tinham grande prestígio em Lages (a vítima e os acusados do crime). Homens da elite lageana foram incisivos nas acusações, culpando os irmãos Thomaz Brocato e Domingos Brocato, os quais eram muito amigos da vítima, o caixeiro viajante Ernesto Canozzi. Tratava-se de jovens italianos, que conquistaram um prestígio além do necessário em uma elite coronelista e fechada a novas inclusões. Uma das marcas da sociedade brasileira no século XIX e início do século XX é a reelaboração de idéias, valores, comportamentos, principalmente por influência dos hábitos europeus, Lages não ficou de fora neste processo, certamente não vivenciou esta apropriação de valores e costumes importados com a mesma intensidade que as grandes capitais, porém principalmente a elite tinha contato com essas novas formas de sociabilidade. Percebe-se esse contato com novos valores através de várias manifestações como: senhoras da alta sociedade usando botas de Paris, intervenção da Câmara Municipal nos aspectos urbanos da cidade e na

⁵ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**

conduta dos transeuntes, efetuadas através do Código de Posturas de 1845, o qual foi reformulado em 1895, a fundação de sociedades recreativas, as informações dos jornais, enfim, uma série de novos hábitos. O assassinato é analisado neste contexto de novas práticas sociais.

Em um segundo momento analisaremos os jornais da época, os quais permitirão uma análise do contexto em que ocorreu o assassinato de Ernesto Canozzi e seu peão. O estudo dos jornais é realizado em uma perspectiva econômica, social, jurídica, política e cultural, mas sobretudo considerando-o com um instrumento de poder e manipulação. Analisaremos também como estes homens utilizaram o jornal como um instrumento de manipulação da opinião pública e como o povo, através da cultura oral, se apropriou dos significados e construiu a tradição. Ao analisar os jornais é necessária uma perspicaz observação com a hermenêutica do discurso, pois como muito vem coloca Michel Foucault: Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Depois das observações sobre o contexto de 1902 e as argumentações dos jornais, será estudado o impacto do morte (neste caso o hediondo crime de Ernesto Canozzi e seu ajudante Olintho Pinto Centeno), em uma região caracterizada por práticas religiosas que mesclavam catolicismo português popular com práticas indígenas e africanas. Será realizada uma abordagem do contexto religioso serrano, as características do culto aos mortos nesta região. Sendo assim, busca-se a compreensão de como o impacto causado pela morte de Ernesto Canozzi se tornou um culto popular. Será realizada uma abordagem sobre as experiências populares na construção da crença religiosa, as procissões até o local onde o crime ocorreu, a romaria ao túmulo de Ernesto Canozzi e seu ajudante Olintho Pinto Centeno . Analisaremos como os populares se apropriaram dos fatos de 1902 e assim construíram suas representações, fatos estes que eram transmitidos tanto pela cultura oral como pela cultura escrita, sendo a última peculiar aos homens da elite e produzida principalmente pelos advogados responsáveis pelo processo de acusação.

Nem sempre é uma tarefa prazerosa ouvir ecos do passado e tentar desenterrar mortos, mas alguns sentem essa profunda agonia que impulsiona à mão a escrever, muitas vezes a “mão que escreve”, não quer construir o discurso histórico das vozes de um tempo não muito distante, só que o verbo querer é diferente do verbo desejar, nem tudo o que se quer é desejo, nem tudo que se deseja se quer. Estou falando de paixão, a que me faz caminhar na romaria e olhar para trás.